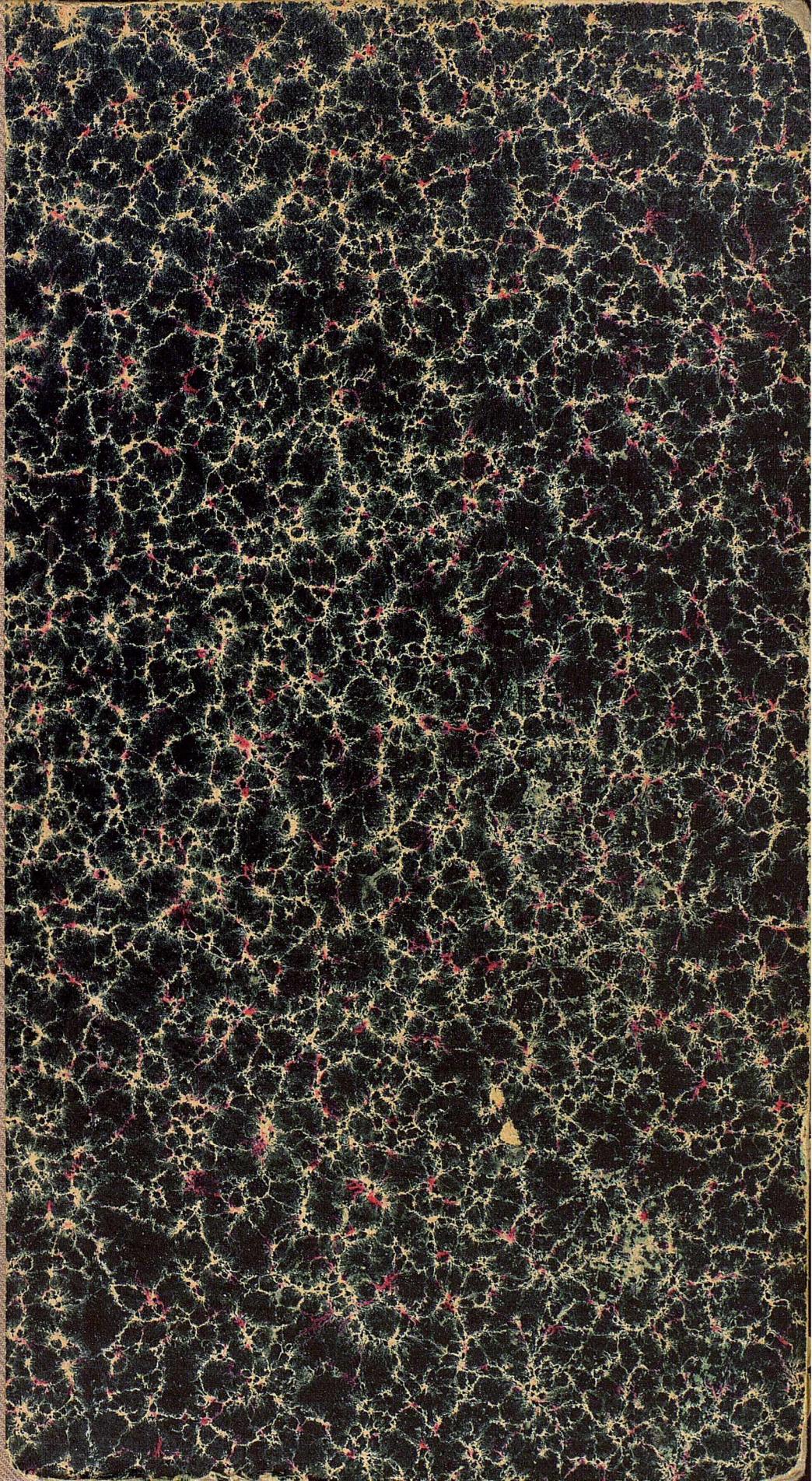
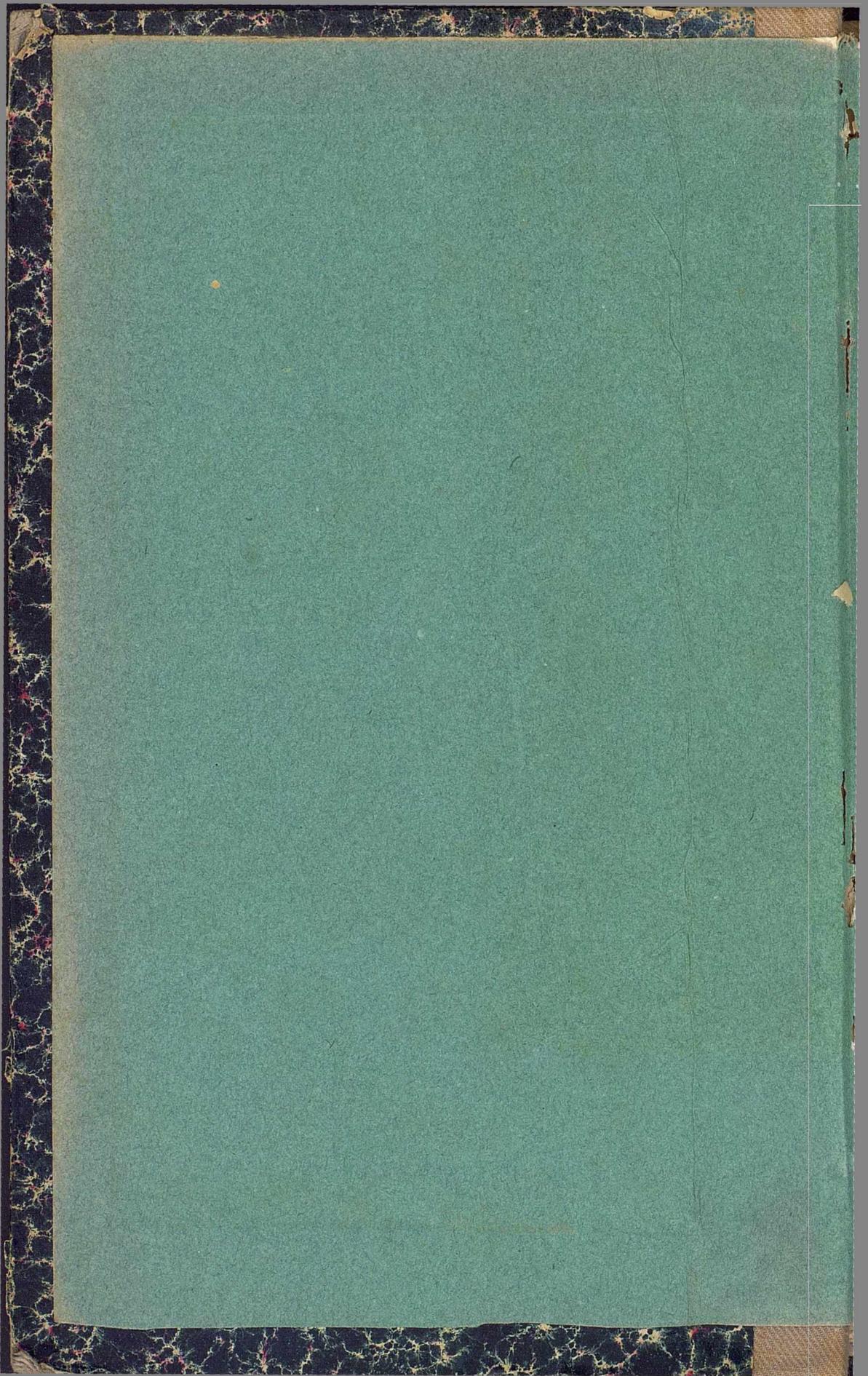


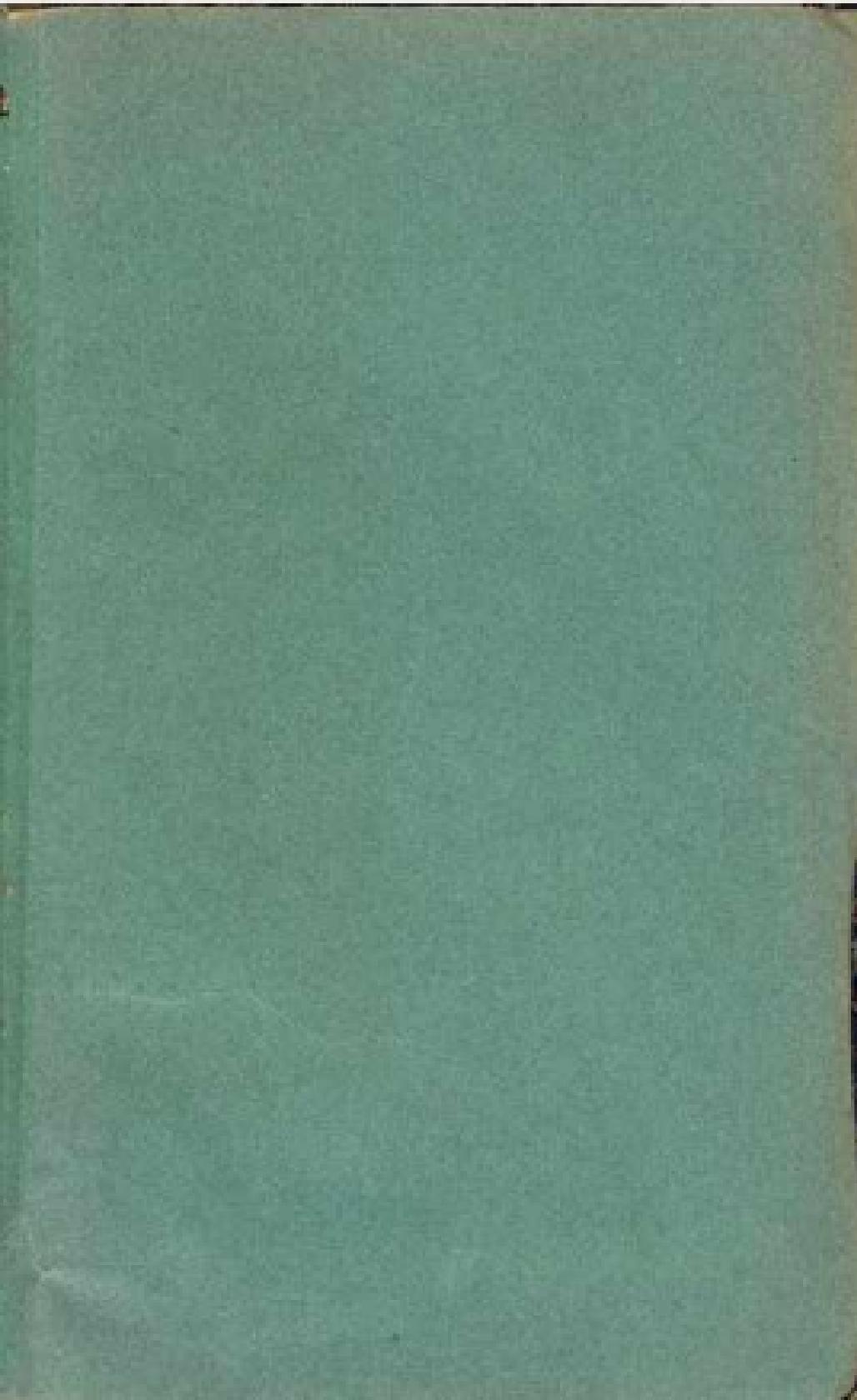
FORA

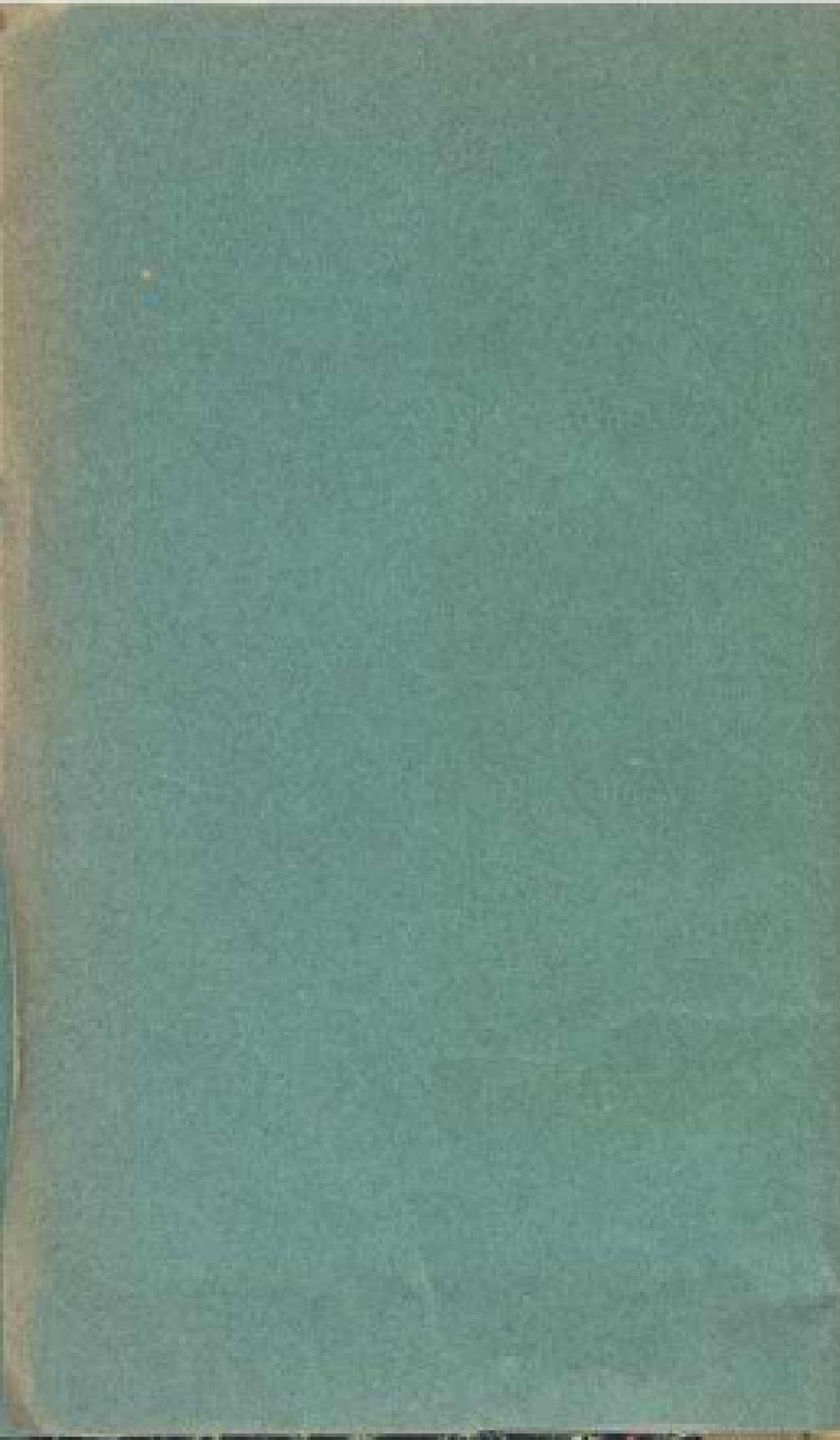
LINEA

1894









B  
6.796

PEROLAS SEISCENTISTAS

DE

D. FRANCISCO MANOEL DE MELLO

COM UMA NOTA BIOGRAPHICA

POR

D. BRUNO DA SILVA



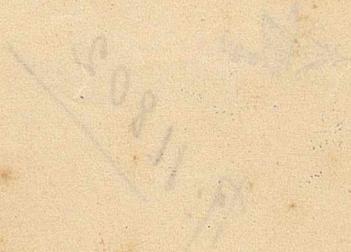
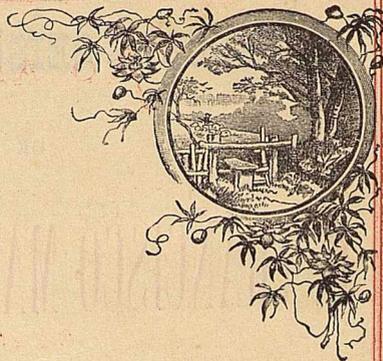
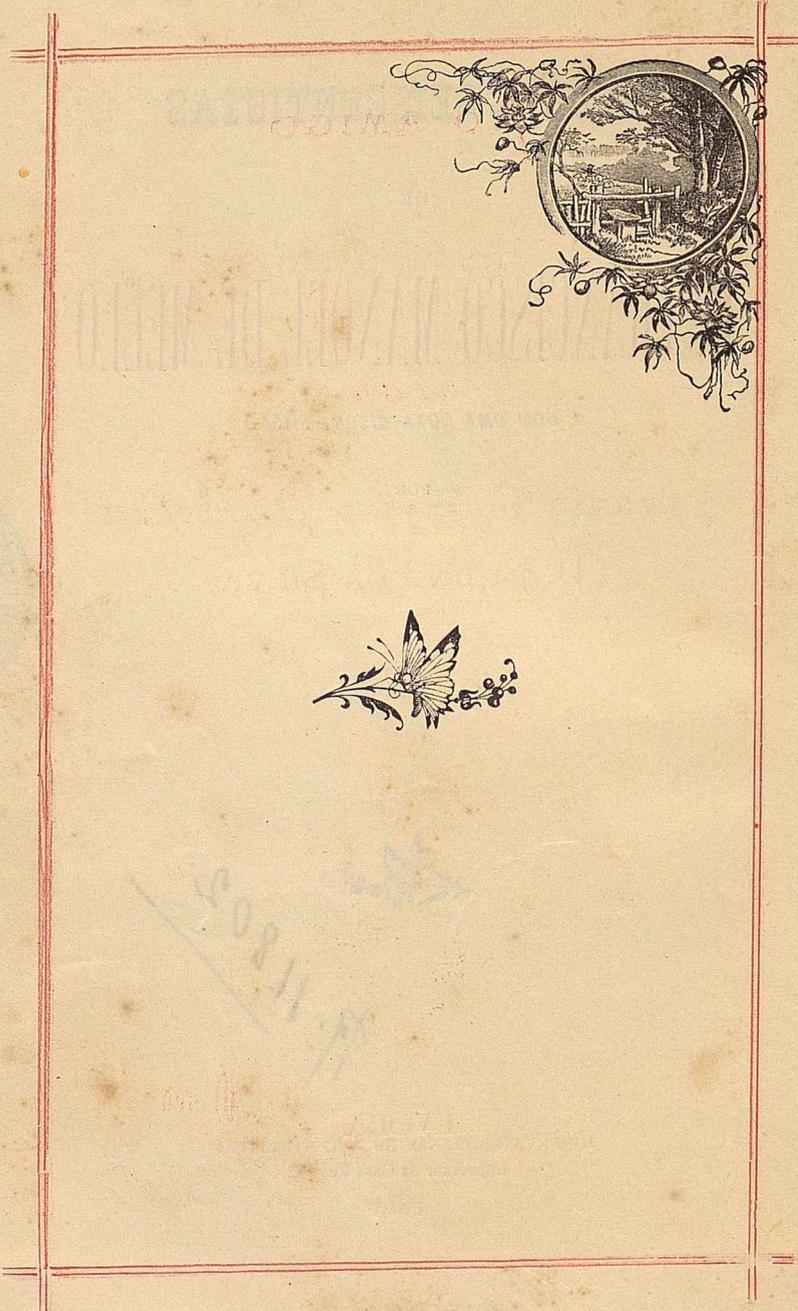
7.11.802

EVORA  
MINERVA EBORENSE DE J. J. BAPTISTA  
Impressor da Casa Real

1891

BIBLIOTHECA PUBLICA  
DE  
EVORA  
REG. DO LIV.

8  
1874



Faint, illegible text or markings at the bottom of the page, possibly a date or publisher's information.

AO AMIGO

de ha 22 annos

O Senhor

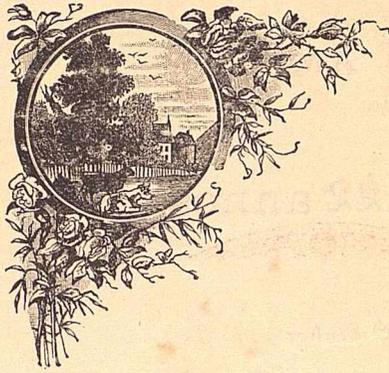
Ignacio de Brito Pardelha

*№ - 5.990*



O seu

*A. F. B.*





Nascimento

VILLA VIÇOSA

8 de Dezembro de 1825

HOJE

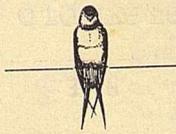
EVORA

66 ANNOS

PARABENS

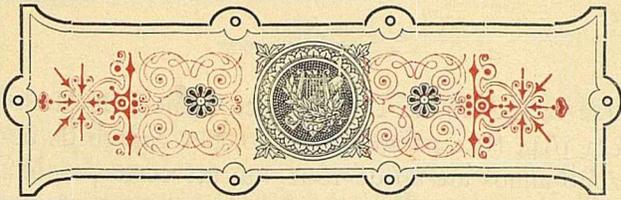


THE  
MUSEUM  
OF THE  
CITY OF  
NEW YORK



1854  
66 ANNOS  
FUNDATA





## NOTA BIOGRAPHICA

DE

D. FRANCISCO MANOEL DE MELLO

---

Incorrectas andam por ahi as brevissimas biographias de D. Francisco Manoel de Mello, o grande polygrapho seiscentista.

Assignalam-se-lhe os paes, ao que parece com rigor genealogico, não menos que o dia e anno de seu nascimento, 23 de Novembro de 1611.

Sem termos elementos seguros, novos dados historicos para lhe traçar melhor biographia, cremos, comtudo, que dos fornecidos por elle proprio em seus escriptos diversissimos brotará bastante luz para melhormente nos alumear o caminho de sua vida.

Destes subsidios se serviram já alguns escriptores, como Innocencio Francisco da Silva e Camillo Castello Branco; porém, de modo menos completo do que ora se patenteia.

Camillo Castello Branco, o excellente critico,

que na prisão de D. Francisco Manoel de Mello, em 1644 <sup>(1)</sup> e na sua detenção, por espaço de dezoito annos até ao de 1662 viu, até certo ponto, a regia mão do rei brigantino, hesita mais tarde, na *Bohemia do Espirito*, crendo que o perseguidor do grande homem fosse o conde de Villa Nova, D. Gregorio Thaumaturgo de Castello Branco, o marido vilipendiado de D. Francisco e do proprio rei. <sup>(2)</sup> Não despídos de criterio os reparos de Camillo, estão, comtudo, afastados da verdade, se me não illudo, se melhor observo e critico as palavras do perseguido.

Conhecida é a concorrência de D. Francisco e de D. João IV ao Pateo das Columnas, em que vivera D. Branca de Vilhena da Silveira, primeira mulher do conde de Villa Nova. Não menos o é a nota historica, que desvendou o mysterio da perseguição do escriptor famoso.

Picado de ciúme amoroso, D. Francisco Manoel, batera-se com o rei, desacatára a Magestade, se lhe não fizera experimentar o fio secco de sua espada.

Preciso era um desforço real, condigno da grandeza do desacato.

Apparecera por então assassinado o mordomo da casa dos condes de Villa Nova, Francisco Car-

---

(1) «Anno em que fui preso.»

*Aula Politica* : Carta declamatoria  
ao Principe D. Theodosio.

(2) *Bohemia do Espirito*, pag. 126-127.

doso, que manchára o thalamo de Marcos Ribeiro, marido de Catharina d'Enxobregas.

Mandante desse assassinato apodaram as justicas do tempo a D. Francisco Manoel de Mello. Provaram as testemunhas a innocencia do accusado; e, comtudo, D. Francisco foi julgado em varias instancias por dezenas de Juizes, e condemnado a degredo perpetuo para a India.

Preso de torre em torre até ao anno de 1654, nos fins deste foi, definitivamente, mandado para o Brasil e não para a India, logar da condemnação.

Esta alteração do final da sentença só poderia ser feita pela vontade do rei absoluto, unico então, como ainda hoje, que podia commutar ou perdoar culpas, superior ás decisões dos tribunaes.

Assim é que o illustre perseguido disse ao Principe D. Theodosio, depois da final sentença: «mudança de prisão esperava, Senhor, mas aquella que eu em tal tempo esperava (& comigo todos) era que Sua Magestade me mandasse defender-lhe huma Praça; não que a Meza da Conciencia ordenasse enterrarem-me em huma Torre. <sup>(3)</sup>

Mais era detenção, é certo, do que prisão rigorosa a de D. Francisco, pois que saía em coche proprio ou em barco seu, consoante estava na Torre de Belem ou na Velha, ou na da Cabeça Secca, e visitava amigos, ia ver tirar navios do fundo do Tejo e cantava na Semana Santa com os cartuxos de Lisboa.

(3) *Aula Politica*: Epistola declamatoria ao Principe...

Opina Camillo que o perseguidor de D. Francisco Manoel de Mello somente fôra o conde de Villa Nova, e não o rei. Sem podermos acreditar que o conde fosse tão poderoso que arrostasse o poder do Bispo do Porto, o de D. Manoel da Cunha, Bispo Capellão mór, o do conde de Penaguião, D. João de Sá e Menezes, seu familiar, o de Dionysio dos Anjos, confessor do rei, o de muitos Prelados de Ordens monasticas e o da nobresa cortesan d'aquelle tempo, com quem D. Francisco se carteava, reproduzamos aqui as palavras do perseguido :

«Tenho delles (principes) uma queixa, que se lhe não chega se não para dôr e para mal. (*Cartas cent.* 2.<sup>a</sup> c. 22)

— «... porque só é poderoso este homem, que me persegue.» (Idem Cent. 2.<sup>a</sup> c. 51)

— Este homem que a todo o proposito me persegue... (Idem Cent. 3.<sup>a</sup> c. 31)

— Porque um homem que entre outros se esmera em me perseguir... eu só fui perseguido de uma só parte...» (Idem Cent. 3.<sup>a</sup> c. 70)

— Quem deterá a furia de um braço poderoso e desarazoado? (Idem Cent. 3.<sup>a</sup> c. 93)

— Para escrever ao paço é necessario estar no estado de graça, e eu estou no da desgraça. (Idem Cent. 4.<sup>a</sup> c. 19)

— N. aqui me tem; aqui me achará para toda a resolução *que for servido se tome comigo.* (Idem Cent. 4.<sup>a</sup> c. 23)

Destas citações resalta D. João IV, o seu poder, e não o do conde de Villa Nova: aquelle *N. aqui me tem* só pode alludir ao rei.

Em attenção, talvez, á larga detenção no reino, aos reiterados pedidos da fidalguia e aos serviços de D. Francisco Manoel prestados ao rei com a penna no *Echo Politico* e no *Manifesto*, por occasião do attentado de Domingos Leite, e noutros escriptos famosos, D. João IV accede á partida para o Brasil, em 1654.

Vae; por lá vive, por lá escreve, e volta á Europa em fins de 1662 ou principios de 1663, quando subio ao throno D. Affonso VI, o que lhe perdoou, e o mandou logo restituir á liberdade.

E' D. Francisco Manoel, quem nol-o affirmar, sob o pseudonymo de Doctor Geronymo de Santa Cruz:

«...a Dom Francisco Manoel, que por veinte años, y graves accusaciones, estuvo preso, y desterrado del Reyno, escusó el destierro.» (4)

Affirma Camillo que D. Francisco não voltára a Portugal, seguindo viagem para França, com fundamento em ser vivo ainda o conde de Villa Nova, e de se temer delle o illustre perseguido.

Morto o conde em 1662, antes ou pouco depois da vinda de D. Francisco do Brasil, nada teria a receiar o esforçado escriptor. Um recontro pessoal, se vivo, não daria vantagem ao conde, me-

(4) *Declaracion que por el Reyno de Portugal offerece el Doctor Geronymo Sancta Cruz...* pag. 24.

nos adestrado no manejo d'armas, como devemos crer mais o seria D. Francisco Manoel de Mello, nem D. Gregorio o provocaria, morto já D. João IV, que não podia segundar os desejos de vingança do Thaumaturgo, o fraco marido que vovera suas iras contra D. Francisco e não contra o rei, ambos delinquentes, ambos insultadores, de sua prosapia. Covarde, buscava o menos forte dos adversarios.

Ou D. Francisco entrasse no reino ao voltar do Brasil, ou logo fosse para França <sup>(5)</sup> é certo que se acha em Paris em 1663, em Roma em 1664 e em Leon de França em 1665. Nestas ultimas terras dá elle á estampa as *Cartas familiares* e as *Obras metricas*.

É, pois, claro para meu espirito que o perseguidor de D. Francisco Manoel foi o rei, foi D. João IV escudado, por fraqueza, por malevolencia no vulto do seu Camareiro-mór.

Para todas as iniquidades deve ser a magestade offendida, como para toda a subserviencia caracteres como o do conde D. Gregorio.

Convem, por ultimo, observar aos que lerem Camillo, na *Bohemia do espirito*, que claudica o grande escriptor em mais de um ponto, a ser exacto o que escreveu o auctor da *Historia Genealogica*: a D. Branca de Vilhena da Silveira chama *Braçia*.

---

(5) Encontramol-o em 1659 a escrever de *Alcantara* e do *Espinhel*. Devem, porém estes nomes ser de logares no Brasil, e não cá, visto que só em 1662 foi perdoado.

Affirma que D. Francisco fôra solto por se lhe acabar a sentença, quando foi perdoado por Affonso VI, como claro fica.

Diz que D. Gregorio matára a terceira mulher, D. Marianna de Lencastre, quando ella, por morte do marido, casou com o segundo conde de Aveiras, Luiz da Silva Tello de Menezes.

Quer que os amores de D. Francisco fossem com esta condessa, quando, chronologicamente, é impossivel: D. Francisco foi preso em 1644, e a primeira mulher do Thaumaturgo, D. Branca, morreu em 1649: esta foi, e não outra.

Ainda tem outras incorrecções.

Isto escripto, como subsidio a melhor e mais perfeito trabalho futuro e como correcção ao que escrevi no *Duello nas sombras*, leiam agora alguns dos pensamentos do grande escriptor, que no anno de 1666 expirára na sua quinta de Alcantara, e fôra sepultado em S. José de Ribamar:







# PEROLAS



- Adulações** «...hypocrisia e adulações são bem patas.  
CARTAS, CENTURIA 1.<sup>a</sup> c. 81
- Ambição** «Aquelle que a toda a caça se lança nenhuma alcança.  
IDEM, CENT. 3.<sup>a</sup> c. 45.
- Amigos** «A mesma lei que nos obriga a partirmos dos bens com os amigos parece que nos evita lhes demos parte dos males.  
IDEM, CENT. 3.<sup>a</sup> c. 84.
- Amisade** «A amisade é como a piutura que para se ver bem não se ha de ver de perto.  
IDEM, CENT. 4.<sup>a</sup> c. 44.
- Amisade** «O amigo é outro eu.  
IDEM, CENT. 2.<sup>a</sup> c. 23.
- Amor** «O amor é o sol do céu do mundo ; a dor é a sombra do sol do amor.  
IDEM, CENT. 4.<sup>a</sup> c. 84.
- Conselho** «Dei em ser contrario do conselho... julgo se perderão mais homens pelo conselho alheio, que pelo proprio.  
IDEM, CENT. 2.<sup>a</sup> c. 58.

- Desculpa litteraria** «Os mais d'estes papeis são escriptos com summa infelicidade, desordem, pouco gosto, espirito occupado de dores.  
IDEM, CENT. 3.<sup>a</sup> c. 97.
- Deos** «Deos é o fiador e principal pagador dos necessitados.  
IDEM, CENT. 3.<sup>a</sup> c. 75.
- Duvida** «Ello es una grande cosa, no se yo si mala si buena.  
IDEM, CENT. 1.<sup>a</sup> c. 95.
- Eloquencia** «O que não digo dizendo digo não dizendo.  
IDEM, CENT. 4.<sup>a</sup> c. 99.
- Emendas** «Dos grandes mestres mais quero o castigo que a emenda. Digam depois do livro impresso o que quizerem, como não digam me ajudaram antes.  
IDEM, CENT. 1.<sup>a</sup> c. 73.
- Ensinar** «... os sabios ensinam castigando.  
IDEM, CENT. 1.<sup>a</sup> c. 63.
- Erros** «O erro dos entendidos tem menos desculpa.  
IDEM, CENT. 3.<sup>a</sup> c. 89.
- Erros typographicos** «Não lhe faltam alguns erros que são peccado original das impressões.  
IDEM, CENT. 3.<sup>a</sup> c. 19.
- Esperar** «No kalendario dos que esperam se contam os dias por annos.  
IDEM, CENT. 5.<sup>a</sup> c. 83.
- Esquecimento** «Antes quero que cuidem que sou morto;

pode ser que se esqueçam que me tem vivo para me matarem.

IDEM, CENT. 3.<sup>a</sup> c. 97.

- Favores** «O muito obrigar é especie de tyrannia.  
IDEM, CENT. 4.<sup>a</sup> c. 66.
- Grandes** «Os grandes são como o mangericão de quem se diz : não servem muito cheirados.  
IDEM, CENT. 3.<sup>a</sup> c. 6.
- Gratidão** «...o saber ser agradecido é o melhor saber dos homens.  
IDEM, CENT. 3.<sup>a</sup> c. 12.
- Gratidão** «...a la merced es propria la gratitud.  
IDEM, CENT. 2.<sup>a</sup> c. 20.
- Isolamento** «O mundo certo vae tal que tanto mais longe d'elle nos podemos julgar melhor accommodados.  
IDEM, CENT. 1.<sup>a</sup> c. 22.
- Livros** «Os livros até isso tem de filhos, honrarem uns e deshonorarem outros a quem os gerou.  
IDEM, CENT. 5.<sup>a</sup> c. 65.
- Morte** «Ella é como a justiça que ninguem a quer em sua casa.  
IDEM, CENT. 4.<sup>a</sup> c. 18.
- Obrigaçào** «Sou obrigado a quem de mim se lembra, se me louva, porque me anima ; se me censura, porque me melhora.  
IDEM, CENT, 1.<sup>a</sup> c. 74.
- Paciencia** «A paciencia humana é cisterna e não é poço...  
IDEM, CENT. 5.<sup>a</sup> c. 61.

- Patria** «...não ha terra mais nôssa que aonde  
melhor nos vae.  
IDEM, CENT. 1.<sup>a</sup> c. 85.
- Presos** «Os foguetes dos presos todos são de la-  
grimas; de resposta nenhum.  
IDEM, CENT. 3.<sup>a</sup> c. 38.
- Principes** «Os grillhões dos principes não chegam ás  
vontades.  
IDEM, CENT. 2.<sup>a</sup> c. 8.
- Sciencia** «...Buscar a sciencia é achal-a.  
IDEM, CENT. 5.<sup>a</sup> c. 98.
- Saude** «...a saude bem que não seja mais que  
para se tornar a gastar é força que se  
arrecade.  
IDEM, CENT. 2.<sup>a</sup> c. 19.
- Soberba** «...As mesmas bombardas (feitas para fa-  
zerem mal) quanto maiores são diz que  
dão melhores respostas. Só os homens  
não sei que tem comsigo que quanto  
são maiores peores respostas dão.  
IDEM, CENT. 1.<sup>a</sup> c. 43.
- Soldados e pa-  
dres** «Peleja o soldado porque descance o sa-  
cerdote, e este ora para que aquelle vença.  
IDEM, CENT. 3.<sup>a</sup> c. 45.
- Temeridade lit-  
teraria** «A muito se aventura quem escreve de-  
pressa o que se ha de ler de vagar.  
IDEM, CENT. 5.<sup>a</sup> c. 22.
- Valimento** «Quem é alto como v. m. muito pode al-  
cançar para os que são baixos como eu.  
IDEM, CENT. 1.<sup>a</sup> c. 74.
- Vida** «Vida es intervalo de dós muertes.  
IDEM, CENT. 5.<sup>a</sup> c. 6.
- Virtude** «...ser virtuoso quando a virtude se des-  
presa al não pode ser senão virtude.  
IDEM, CENT. 4.<sup>a</sup> c. 1.





